



Universidade Federal de Alagoas - UFAL
Centro de Educação- CEDU
Maceió - Alagoas - Brasil

AS CONCEPÇÕES DE EXAME E DE AVALIAÇÃO E SUAS INTERFERÊNCIAS NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM

Mirian Daniela Tavares da Silva (UFAL)

Email: mirian.tavares@cedu.ufal.br

Wanessa Thays de Oliveira Silva (UFAL)

Email: wanessa.silva@cedu.ufal.br

Ana Carolina Faria Coutinho Gléria (UFAL) Orientadora

Email: carolina@cedu.ufal.br

A presente pesquisa tem o objetivo de discutir a diferenciação entre as práticas do exame e da avaliação em sala de aula, visando analisar a interferência das mesmas no processo da aprendizagem dos alunos. Diante disso, a partir de uma pesquisa bibliográfica com base em textos que nos mostram as características dos métodos utilizados para avaliar a aprendizagem, buscamos compreender o processo histórico de como aconteceram essas práticas avaliativas nas escolas, percorrendo sobre os impactos que causam na vida educacional dos alunos.

A metodologia se deu por meio de uma pesquisa bibliográfica e a partir dos conhecimentos nos estudos da disciplina de Avaliação, possuindo referências de autores como Cipriano Luckesi (2013), Jussara Hoffmann (2014) e Paulo Freire (1996), que nos mostram o quão importante é para os alunos a forma como a sua aprendizagem é trabalhada e avaliada pelos educadores.

De acordo com as leituras dos textos, as práticas do exame nas escolas não são recentes. Segundo Luckesi (2013), tais práticas existem desde a era da modernidade, época em que ocorreu as transformações na sociedade no século XVI e XVII, o surgimento da escola Moderna. Já, a concepção de avaliação, termo usado por Ralph Tyler (1902-1994) em 1930, quando usou essa expressão para tratar do cuidado que os educadores deveriam ter ao avaliar a aprendizagem dos alunos. Ele percebeu que

naquela época de cem crianças que ingressavam na escola somente trinta eram aprovadas, o que significava que setenta delas teriam sido reprovadas. Daí então os educadores começaram a pensar em uma forma mais eficaz dessa prática pedagógica. Assim estabeleceu o "Ensino por objetivo", onde teria precisão e clareza do que os alunos deveriam aprender. Ralph Tyler (1902-1994) propôs um sistema de ensino onde as crianças passariam por um processo gradual, para assim, obter um resultado satisfatório.

De acordo com Luckesi (2013), no Brasil o termo avaliação da aprendizagem começou a ser usado no final do ano de 1960 e início de 1970 no século XX. Entretanto a LDB de 1961, ainda continha um capítulo com a expressão "Exame escolar", porém em 1996 a LDB começou a usar o termo "Avaliação da aprendizagem".

Por mais que o termo avaliação da aprendizagem esteja em nossa legislação atual, quando vemos nas práticas escolares de escolas públicas e privadas e em variados níveis de ensino, ainda se usam mais exames escolares, que são classificatórios, excludentes, seletivos e estão mais voltados para o resultado final; assim como se usam nos processos seletivos, ao invés de utilizar a avaliação que é um processo didático. Quando um aluno vai à escola, ele não vai para ser selecionado ele vai para aprender conteúdos aos quais os educadores têm por responsabilidade trabalhar esses conhecimentos de forma inclusiva, certificando que esse aluno está aprendendo por meio de uma apreciação qualitativa, ou seja, analisando os resultados com o seu objetivo final, o ensino aprendizagem.

Diante disso, a prática de examinar o aluno pode ter consequências ao longo da vida escolar do mesmo, acarretando dificuldades de aprendizagem, atrapalhando no processo de compreensão da leitura tornando-se analfabeto funcional, tornando-se também um aluno inseguro, preso nos livros didáticos, sendo um ser sem autonomia, visto que, segundo Luckesi (2013) o ato de examinar exclui o ponto de vista do aluno, onde ressalta a prática de repetir e decorar o assunto para a prova, no qual o resultado da prova é de inteira responsabilidade do educando podendo ser aprovado ou reprovado, excluindo qualquer participação do professor no resultado final. Ou seja, "Não importa ao examinador se o educando pode aprender mais, só importa o que foi aprendido até o momento da prova" (Luckesi, 2014). Assim, o professor exclui qualquer possibilidade de ser corrigidos os resultados insatisfatórios da prova permanecendo o aluno no erro.

De acordo com Hoffmann (2014) a prática de examinar também é incluída em questões subjetivas “abertas” na prova, onde as questões que deveriam ser para o aluno responder com suas próprias palavras, é mais um ato de decorar, pois o professor insiste em afirmar que a resposta tem de ser de acordo com o texto ou de acordo com resposta do próprio professor, inibindo totalmente o aluno de expressar a sua opinião ou utilizar termos que fazem parte do seu conhecimento de mundo.

Ao longo dos anos de estudos e pesquisas, somados a resultados satisfatórios, percebe-se que em nossa prática pedagógica, a avaliação ganhou grande espaço, visto que a prática de examinar está mais visível no terceiro ano do ensino médio quando o foco principal está direcionado para os vestibulares, isso leva os alunos a pressão psicológica dos pais, professores e sistema de ensino, até de si mesmo, para que assim possam ser aprovados e consigam ingressar nas universidades.

Entende-se que o exercício pedagógico escolar é mais centrado por uma pedagogia do exame do que por uma pedagogia no ensino aprendizado, isso leva os alunos a ter uma atenção maior para a promoção, isto é para o resultado final “as notas”, como se todo o processo de aprendizado não tivesse relevância, mas isso se dá em vários níveis de ensino: fundamental, médio e até mesmo nas universidades, onde os professores utilizam as provas como instrumento de ameaças e torturas nos alunos, como por exemplo; até um décimo leva o aluno a reprovação. Para os professores muitas vezes é uma forma de motivação, porém não leva aos resultados desejados. Há também uma pressão do estabelecimento de ensino nos quadros estatísticos de aprovação, isso leva a uma atenção centrada nas provas, exames e notas. Entendemos que a pedagogia dos exames traz muitas consequências: pedagogicamente, sociologicamente e psicologicamente.

A avaliação da aprendizagem escolar não possui uma única finalidade, ela deve acontecer articulada com um projeto pedagógico que lida com o processo de aprendizagem dos discentes.

Na prática de aferição do aproveitamento escolar os professores realizam basicamente três procedimentos sucessivos: medida do aproveitamento escolar, transformação da medida em nota ou conceito, utilização dos resultados identificados. (LUCKESI, 2013, p. 42)

Entretanto, o ato de avaliar é completamente diferente do ato de examinar, pois permite ao professor acompanhar todo o processo da aprendizagem do aluno.

Para que realmente ocorra a avaliação é necessário que aconteça a interação entre o educador e o educando em sala de aula, garantindo que a opinião do aluno não seja excluída do ensino e do aprendizado, diante disso Paulo Freire (1996) destaca que, é necessário que exija do professor o respeito aos saberes dos educandos, incluindo que as suas vivências de mundo façam parte das aulas, discutindo assuntos que façam partes das suas realidades, sendo importante para o processo de autonomia. Em vista disso, Hoffmann; (2014, p.61) destaca que “há muitos professores afetuosos, gentis, e que, contudo, não oportunizam ao aluno liberdade de expressão ou desconsideram totalmente suas condições próprias de desenvolvimento”, ou seja, professores que conduzam o aluno nas suas próprias produções, garantindo total relevância em todo erro ou acerto, mostrando que divergências são válidas para o processo de autonomia do ensino e aprendizagem.

As práticas avaliativas são norteadoras para garantir uma nova aprendizagem aos alunos, diferentemente da repetição de todos os assuntos que são expostos nas aulas. “Trabalhar com avaliação significa investir no processo, garantindo resultados satisfatórios. Diferente de trabalhar com exames, ideário e a partir dos quais esperamos resultados satisfatórios” (Luckesi, 2005). A avaliação nos traz grandes vantagens que contribuem na melhoria da relação com o mundo educacional, sendo eles nas relações dos educadores e toda a gestão escolar para com os alunos.

A avaliação da aprendizagem se caracteriza por meio do diagnóstico processual, da qualidade dos resultados no qual o professor precisa ter um interesse maior quanto aos conteúdos passados fazendo com que os alunos participem desse processo, “o ato de avaliar não é um ato neutro que se encerra na sua constatação e consequente qualificação” (Luckesi, 2005), ou seja, a avaliação vai muito além do diagnóstico, acontece todo um processo na busca da melhor forma de ensinar o aluno de acordo com a sua dificuldade, para que possa alcançar uma aprendizagem satisfatória. Mas para que se tenha bons resultados é preciso abandonar velhos hábitos.

De acordo com Luckesi (2013), a transição da era dos exames escolares para a avaliação requer atenção constante e condições para exercitá-las, pois essa forma de exame que conhecemos até hoje iniciou no século XVI, como já mencionado e está

arraigado no modo de conceber e agir dos educadores. Com isso, existem muitas dificuldades para que ocorra a transição do exame para a avaliação, pois o exame é uma prática de avaliar que vem sendo utilizada desde antigamente e que ainda é muito utilizada nos dias atuais, principalmente por educadores mais antigos onde a sua forma de avaliar se tornou um hábito.

Diante disso, a devida mudança no hábito de avaliar pode ocorrer primeiramente aos educadores atuais e educadores em formação, pois a avaliação é um conhecimento recente que vem ganhando cada vez mais força nas universidades dentro dos cursos de licenciaturas.

No entanto concluímos que, apesar da prática do exame ainda ser muito utilizada, é a avaliação que deve ter lugar nas escolas, conforme tudo que observamos aqui. É de suma importância que o professor transforme a sua prática pedagógica, compreendendo que a aprendizagem é uma troca de conhecimento, entre o educando e o educador e não uma simples transmissão de conhecimento, no qual o nível de aprendizagem e autonomia dos alunos depende também do professor, com isso, é dever do docente “saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”. (FREIRE, 1996, p.25)

Por fim, por mais que seja difícil trocar os antigos hábitos para novos é importante que os professores tenham formação continuada para que o seu método de ensino vá se adaptando com as transformações que acontecem na sociedade, para que possam também converter as formas de avaliar o aluno.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. Ed. São Paulo. Paz e Terra, 1996.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação Mediadora**. 33. Ed. Porto Alegre. Editora mediadora, 2014.

LUCKESI, Cipriano. **Avaliação da aprendizagem na escola: reelaborando conceitos e criando a prática**. 2 ed. Salvador. Malabares Comunicações e Eventos, 2005.

LUCKESI, Cipriano. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. São Paulo. Cortez editora, 2013.